



“Uma pedagoga na blitz?”: uma experiência de estágio não escolar no DER-MG

“A pedagogue in the police checkpoint?”: A non-school internship experience at the DER-MG

“Una pedagoga en el control policial?”: una experiencia de pasantía no escolar en el DER-MG

Flávia Abrão de Castro Viana

Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
flaviaabrazao@gmail.com | <https://orcid.org/0009-0007-9385-4089>

Francisco André Silva Martins

Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Cursos de Licenciatura em História e Licenciatura em Pedagogia. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
francisco.martins@uemg.br | <https://orcid.org/0000-0003-4906-573X>

Rosângela Matos de Araújo

Gerência de Educação para o Trânsito, Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
rosangela.araujo@der.mg.gov.br | <https://orcid.org/0009-0001-0487-6662>

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo central socializar uma experiência de estágio em espaço não escolar vivenciada em um curso de graduação em Pedagogia. O estágio em questão foi desenvolvido no DER-MG (Departamento de Estradas de Rodagem) e pela sua singularidade e potencial formativo reverberou em debates que culminaram neste trabalho. Por meio da interlocução entre as questões teóricas vivenciadas na universidade e as questões práticas inerentes ao campo de atuação, esperamos apontar virtudes e desafios desse processo. Desta maneira, há que se destacar a importância desse tipo de estágio para promover a ampliação de espaços de atuação dos pedagogos/as, que recorrentemente têm seu campo de trabalho restrito à docência. Ao final, apesar das dificuldades para que tais espaços sejam receptivos em receber estudantes como estagiários, o propósito é reunir experiências diversas de quem atua na área para enriquecer o debate sobre o estágio de pedagogos/as em espaços não escolares.

Palavras-chave: Pedagogia. Estágio. Espaços não escolares.

Abstract

The main objective of this work is to socialize the experience of a non-school space internship experienced in an undergraduate course in Pedagogy. The internship in question took place at the DER-MG (Highways Department) and due to its uniqueness and formative potential, it reverberated in debates that culminated in this work. Through the dialogue between the theoretical issues experienced at the university and the practical issues inherent to the field of activity, we expect to point out the potentialities and challenges of this process. Thus, it is important to emphasize the importance of this type of internship in expanding the scope of work for educators, whose field of work is often limited to teaching. Despite the challenges facing these spaces in welcoming students as interns, the goal is to bring together diverse experiences from those working in the field to enrich the debate on educator internships in non-school spaces.

Keywords: Pedagogy. Internship. Non-school spaces.

Resumen

El objetivo principal de este trabajo es socializar la experiencia de una pasantía en un espacio no escolar. La pasantía en cuestión se desarrolló en el DER-MG (Departamento de Carreteras) y por su singularidad y potencial formativo repercutió

Artigo recebido em: 17/01/2025 | Aprovado em: 10/11/2025 | Publicado em: 05/12/2025

Como citar:

VIANA, Flávia Abrão de Castro; MARTINS, Francisco André Silva; ARAÚJO, Rosângela Matos de. “Uma pedagoga na blitz?”: uma experiência de estágio não escolar no DER-MG. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 15, p. 1-16, e47171, 2025. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2025.v15.47171>.



Esta revista está licenciada sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0).

en debates que culminaron en este trabajo. A través del diálogo entre las cuestiones teóricas vividas en la universidad y las cuestiones prácticas inherentes al campo de actividad, se espera resaltar las potencialidades y desafíos de este proceso. Por lo tanto, es importante destacar la importancia de este tipo de prácticas para ampliar el ámbito de trabajo de los educadores, cuyo campo de trabajo a menudo se limita a la docencia. En definitiva, a pesar de las dificultades que enfrentan estos espacios para acoger a estudiantes en prácticas, el objetivo es reunir diversas experiencias de quienes trabajan en el sector para enriquecer el debate sobre las prácticas de educadores en espacios no escolares.

Palabras clave: Pedagogía. Pasantía. Espacios no escolares.

1 Introdução

O trabalho ora apresentado tem como objetivo precípua a sistematização de um debate que congrega questões inerentes ao estágio desenvolvido por graduandas/os do curso de Pedagogia de uma Faculdade de Educação de uma universidade pública na cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Não obstante, nos cabe inicialmente destacar que tal experiência de estágio foi marcada pela sua singularidade de ser desenvolvida obrigatoriamente em um espaço não escolar, conforme currículo vigente na referida Instituição. O estágio em espaços não escolares é parte componente do Núcleo Formativo V, ou seja, do 5º período do curso, e está vinculado à disciplina Orientação de estágio Supervisionado, composta de 18 horas/aula.

A disciplina se organiza de modo a proporcionar um espaço de encontro e debate entre o professor orientador e o coletivo de estudantes. Afora atividades de cunho, meramente, avaliativo, a riqueza do processo nos parece estar na diversidade de leituras e discussões proporcionadas, com o foco nas potencialidades da atuação do/a pedagogo/a para além do imaginário social que vincula tal profissional quase que compulsoriamente a atuar como professor. Foi estabelecido um movimento no sentido de se debruçar e entender as potencialidades contidas em uma atuação em espaços variados, como: sindicatos, movimentos sociais, hospitais, empresas, Centros de Referência e Ação Social (CRAS), ONGs e OCIPs. Uma dificuldade encontrada por grande parte dos/as estudantes é o acesso a esses lugares, uma vez que muitas pessoas ainda não têm a devida compreensão quanto às possibilidades de atuação de um profissional de Pedagogia em instituições nesses moldes.

Mediante as inquietações emergentes no decorrer da disciplina, o presente trabalho passou a fazer cada vez mais sentido como forma de socializar com outras pessoas uma experiência vivenciada no Departamento de Estradas e Rodagem (DER), de Minas Gerais. Não obstante o fato de ser essa uma experiência cronologicamente situada e marcada pela atuação privilegiada de uma estudante de Pedagogia, em específico, esse é um trabalho singular pelas contribuições que tornaram possível sua efetivação. A autoria do texto congrega a estudante que desenvolveu o estágio, mas também o professor responsável pela orientação da ação e pela disciplina na universidade. Nessa mesma senda, com o intuito de promover uma discussão ainda mais verticalizada, é também autora do texto uma das pedagogas que orientaram diretamente no campo as ações da estagiária no referido espaço.

Dito isso, sem a pretensão de prescrever modos ou caminhos, esperamos conseguir congregar experiências diversas, da estudante, do professor e das pedagogas que

atuam no campo, com o objetivo primaz de promover uma maior verticalização do debate envolvendo o estágio de pedagogos/as em espaços não escolares.

2 A importância do estágio na formação do/a graduando/a

Uma realidade social que nos parece comum é a que mostra o trabalho como um elemento vital para a composição identitária de um indivíduo e que, consequentemente, influencia rigorosamente nos lugares sociais a serem ocupados e os modos de sobrevivência. O trabalho, à despeito de todas as críticas que possamos fazer quanto a sua precarização e depreciação nos tempos atuais (Marx, 1980; 2010), traz consigo um princípio educativo e, em função disso, compreendemos o estágio como sendo vital para um debate que implica a formação de futuros profissionais da educação.

Acreditamos que, em grande medida, várias pessoas que fizeram curso superior na área da educação tenham ouvido em algum momento em seus estágios obrigatórios frases como: “O estagiário é o último depois de mais ninguém”, “Estagiário é bom para buscar café”; “O estagiário é aquele que vai para escola para saber que não sabe nada”. Tais estereótipos decorrem do próprio imaginário social e, apesar de apresentar uma anedota, contribuem para a depreciação de uma experiência central na formação de um estudante da área da educação. Diante disso, há que se buscar estabelecer outros olhares com o fito de proporcionarmos uma formação mais qualificada de tais profissionais (Espírito Santo, 2002; Fazenda, 1991; Kulscar, 1991; Pimenta, 2012; Cunha 2011).

Desde tempos imemoriais, a atuação profissional esteve intrinsecamente vinculada ao aprendizado do ofício, fosse ele qual fosse, por meio do exercício perene e gradativo das ações inerentes à cada profissão. Partindo das ações mais simples e culminando nas mais complexas, os trabalhadores se aprimoravam e se apropriavam das técnicas que seriam demandadas no decorrer na vida de trabalho desse profissional (Canêdo, 1994). Na antiguidade, passando pela idade média e ainda no processo de transição para a modernidade, o fato de uma pessoa dominar as técnicas de um ofício era fator de destaque social (Heers, 1974). Entre o processo de passagem da condição de aprendiz a mestre eram decorridos muitos anos (Anderson, 1991). Com o advento da Revolução Industrial, tal processo passou a ocorrer no interior das fábricas para as profissões menos complexas, o trabalhador entrava como ajudante e galgava posições à medida que ia se especializando nas funções (Decca, 1984). Em se tratando das profissões mais complexas, como a engenharia, por exemplo, havia a conciliação entre a formação que se dava nas instituições educativas, universidades, e a posterior inserção gradativa no desempenho das funções efetivas do cargo às ações (Ashton, 1977). Tal processo nos parece trazer contribuições importantes para discutirmos o estágio de graduandos nos tempos atuais.

Assim como o acesso ao conhecimento por meio de uma formação específica foi algo historicamente restrito e destinado à determinadas classes privilegiadas, o exercício do ofício de educador/professor, ou seja, ser a pessoa que ensina/forma/educa o outro também era algo restrito (Ponce, 2010). A imagem socialmente idealizada do/a professor/a foi, e em alguma medida, ainda é investida

de certo status (Teixeira, 2006). Por mais que em tempos atuais esteja sendo depreciada e pouco valorizada. Dito disso, há que se reforçar a importância em formar profissionais capacitados para o exercício de tal função, uma vez que tal exercício é investido não apenas de um compromisso com a atuação profissional, mas também está envolto em uma responsabilidade social de educar/formas as próximas gerações da sociedade em que está inserido (Freire, 1997; 2011; 2020).

Nesse contexto, trazemos à baila questões que tangenciam a formação do profissional educador, quais sejam, aquelas que perpassam o estágio docente obrigatório como elemento primaz para congregar as discussões e reflexões teóricas desenvolvidas na universidade e as questões de ordem prática, a serem exercitadas no campo de trabalho, no chão da escola, na realidade concreta. Todavia, em relação a tal discussão, que embora pareça simplória, é em verdade demasiado complexa, por isso tomamos o cuidado de valorizar a experiência do estágio em sua concretude, no que ele é capaz de proporcionar, uma vez que esse, por melhor que tenha sido desenvolvido, não é a prática docente em si, e na mesma medida, os interstícios de tempo destinados a presença do estudante no chão da escola são concisos se comparados com todo o tempo restante de vida profissional do estudante (Piconez, 1991).

Autores como Miguel Arroyo (2011) e Paulo Freire (1997) destacam em suas obras o processo ininterrupto de formação do profissional da educação, que apesar de receber o diploma ao final do curso, irá se formar efetivamente na sua vida docente. Há uma linha tênue com a qual estamos lidando, uma análise atenciosa para evitar uma sobrevalorização romântica do estágio obrigatório, mas também, a precaução de não estigmatizar tal experiência como sendo prescindível e desnecessária (Pimenta, 2012). Independentemente do estágio, há que se reforçar o compromisso compulsório de todos os profissionais da área da educação com a contínua prática reflexiva de seu ofício (Perrenoud, 2002).

Infelizmente, a realidade empírica nos sinaliza algo que parece prejudicial para o processo formativo dos/as futuros docentes. Com o passar dos anos, a burocracia tem se tornado tão mais engessada que parte considerável dos/as graduandos/as veem os estágios sob a ótica de uma “tarefa chata” a ser vencida, um martírio para alguns. O número considerável de horas a serem cumpridas em consonância com outras atividades da vida cotidiana, como o próprio trabalho, as infundáveis documentações a serem preenchidas, carimbadas e assinadas, os relatórios que invariavelmente se repetem em vários aspectos, e isso faz com que a experiência do estágio fique subsumida em relação a sua real potencialidade formativa. Em lugar de uma experiência significativa, acaba por se tornar uma simples “chatice” a ser cumprida para alcançar a formatura. O estágio se torna apenas mais uma atividade, um trabalho escolar a ser cumprido, o que afasta dele seu significado maior como possibilidade de conexão com o campo de atuação profissional (Perrenoud, 1994).

Em se tratando de um estágio desenvolvido em um curso de Pedagogia e da ampliação do campo de atuação dos respectivos profissionais, bem como em função da especificidade do tipo de estágio abordado no presente trabalho, ou seja, uma ação desenvolvida em espaços não escolares, torna-se ainda mais importante debater a experiência e sua efetivação.

3 Elementos para o debate sobre o estágio em espaços não escolares

Um curso como o de Pedagogia, mesmo em nível superior, foi historicamente marcado pelas influências educativas dos cursos normalistas que o antecederam, tendo fortes conexões com elementos da educação infantil e privilegiando uma atuação, quase que exclusivamente, destinada à escola. Isso repercutiu não só no imaginário social, mas também nos currículos e propostas formativas. Em se tratando da experiência abordada nesse artigo, podemos dizer que essa modalidade de estágio se mostrou demasiado difícil de ser acessada por um contingente considerável dos/as estudantes que deveriam fazer o estágio. Seja pela burocracia, seja pela não aceitação de estagiários em determinados órgãos, seja pelas lógicas de funcionamento que não se adequavam aos horários dos estudantes.

Nos parece que alguns espaços ainda veem o profissional de Pedagogia demasiadamente vinculado à experiência educativa escolar, entretanto, não pode escapar ao horizonte analítico que dentre as várias pessoas que conseguiram cumprir seu estágio, muitos foram os relatos exitosos e significativos, sinalizando a valorização de tal experiência para a formação e o reconhecimento de tais espaços como campo de potencial interesse de atuação, após a conclusão do curso. As pesquisadoras Nilzilene Lucindo e Macilene Ribeiro (2019), ao analisarem os significados construídos por estudantes de um curso de Pedagogia quanto ao estágio em espaços não escolares, com destaque para espaços educativos museais, reforçam que em sua grande maioria os/as estudantes valorizam as experiências de saída da universidade em busca de ocupar outros espaços sociais.

Não obstante o fato de tais cursos ainda privilegiarem um foco maior na atuação docente dos profissionais da Pedagogia nas instituições escolares, outros campos têm sido abertos, para uma atuação pedagógica em outros espaços, espaços não escolares diversos (Rios, 2020). Estamos tratando de uma conjuntura atual na qual os profissionais de Pedagogia têm tido um campo fértil de atuação em empresas privadas (Barduni Filho, Figueiredo, 2020), em hospitais, em sindicatos, em entidades públicas de assistência como CRAS (Silva, 2017), em movimentos sociais (Gohn, 2009; Arroyo, 2011) e tantos outros lugares com potencial educativo/formativo.

A possibilidade de educar em outros espaços está relacionada, na mesma proporção, em expandirmos nossa compreensão quanto ao que entendemos como sendo o processo educativo e seus objetivos. Assim sendo, para pensarmos sobre a educação em espaços não escolares, partimos de um entendimento da educação em uma perspectiva ampliada, não apenas vinculada estritamente a sua condição como experiência de socialização, bem como ultrapassando também a compreensão como sendo unicamente o conhecimento formal das instituições escolares (Gohn, 2010; 2011).

Tomando como campo de debate a atuação do/a Pedagogo/a em empresas privadas, André Prado, Eliane Silva e Mônica Cardoso (2013), destacaram em seu trabalho o salto qualitativo que a presença desse profissional no cotidiano da empresa pode proporcionar em áreas como a de elaboração e execução de projetos, bem como no treinamento e aprimoramento dos profissionais, o que

reverbera em um melhor trabalho de equipe, funcionários mais satisfeitos com seu trabalho e, consequentemente, em dividendos em uma análise final dos processos. A respeito da atuação do Pedagogo/a em hospitais, Alana Souza, Damares Teles e Maria Soares (2017), dão destaque para a importância desse profissional no atendimento de pessoas hospitalizadas não apenas como acompanhamento das atividades escolares durante seu período de internação ou afastamento, mas também quanto a sua autoestima e disposição em retornar à escola tão logo tenha se restabelecido. Já ao tratarmos de experiências profissionais de Pedagogos/as em espaços como CRAS nos deparamos com as reflexões de Margarete Alves da Silva (2017), que demonstram que as experiências educativas levadas à cabo em tais lugares são marcadas pela riqueza decorrente da formação coletiva de sujeitos singulares que dinamizam o processo.

Cientes da infinidade de lugares de atuação e de sua potencialidade imensurável, trazemos à baila tal discussão com o fito de melhor compreender as ações educativas desenvolvidas em outros espaços, como por exemplo um órgão de trânsito.

4 Educação formal, não formal ou informal?

Como já mencionado anteriormente, as imagens socialmente amalgamadas em relação à atuação de um/a graduando/a de um curso de Pedagogia, via de regra, outorgam a tal profissional, quase que compulsoriamente, um caminho único, uma atuação profissional vinculada à educação escolar. O avanço no debate das teorias educacionais quanto ao processo de formação dos sujeitos e a ampliação da compreensão do que seja o ato educativo, assim como do que sejam os espaços e experiências educativas, tem proporcionado aos profissionais de Pedagogia a ocupação de outros lugares para além da hermética atuação exclusiva na escola.

Estamos falando de uma atuação profissional que perpassa lugares como hospitais, empresas, sindicatos, projetos sociais, ONGs e OCIPs, CRAS, dentre tantas outras infinitas possibilidades. Há quem possa estar se perguntando: Mas o que um/a pedagogo/a vai fazer nesses lugares? Antes de nos debruçarmos sobre essa pergunta, nos cabe reforçar que para compreender a atuação desses profissionais deveremos nos abster de concepções arraigadas do que seja a sua atuação.

[...] A Educação tem sido proclamada como uma das áreas-chave para enfrentar os novos desafios gerados pela globalização e pelo avanço tecnológico na era da informação. A Educação é conclamada também para superar a miséria do povo, promovendo o acesso dos excluídos a uma sociedade mais justa e igualitária, juntamente com a criação de novas formas de distribuição de renda e da justiça social. Nesse cenário, observa-se uma ampliação do conceito de Educação, que não se restringe mais aos processos de ensino-aprendizagem no interior de unidades escolares formais, transpondo os muros da escola para os espaços de casa, do trabalho, do lazer, do associativismo etc. (Gohn, 2011, p. 17).

Nesse bojo, nos parece necessário também transpor modelos ideais, como se pudéssemos falar da existência de segmentos estruturalmente determinados do que sejam a educação formal, a educação não formal e a educação informal. Em se

tratando das experiências educativas em espaços não escolares, um esforço necessário nos parece ser a busca por não estigmatizar tais experiências como sendo negativas somente pelo fato de se darem fora do contexto da educação formal das instituições educativas (Gohn, 2010).

Tais apontamentos nos permitem vislumbrar nas experiências educativas em espaços não escolares oportunidades de fomentar uma experiência mais humanizada, sobretudo, pela sua dimensão dialética, contraditória, marcada por processos não lineares, complexos, que reverberam em inquietações emergentes advindas dos próprios sujeitos em formação. Uma experiência educativa que proporcione a compreensão apurada da realidade social e seus problemas.

Acreditamos que se perguntarmos aos profissionais da educação, e até mesmo aos/as estudantes que estejam se graduando no curso de Pedagogia, o que seja cada uma dessas categorizações, alguns elementos emergirão com certo consenso, quase que um lugar comum. Por exemplo, a educação formal, quase que invariavelmente, está vinculada à instituição escolar, e por isso ganha maior prestígio e notoriedade, mas fica a pergunta, só na escola teremos experiências formais de educação? E experiências educativas desenvolvidas em outras instituições, seriam automaticamente informais? A formalidade se dá unicamente pelo fato de estar vinculada à escola? Em relação a educação não formal, essa estaria vinculada somente a movimentos sociais? E pela sua característica de vínculo com coletivos, movimentos sociais e ações coletivas seria algo menor, menos formativa/educativa? E a educação informal, diante do que está estabelecido para as outras, seria ainda menor? Isso lhe outorga uma imagem pejorativa se comparada com as anteriores? A informalidade é fator de desqualificação? Diante do exposto, nos parece pouco producente a busca por inserir as experiências educativas em espaços não escolares em representações herméticas, que em sua condição individual podem não dar conta da complexidade das ações desenvolvidas pelos profissionais em seus vários lugares potenciais de atuação.

Não nos cabe em um trabalho como o presente a busca exaustiva para sistematizar as várias, e quase infinitas, experiências educativas desenvolvidas em espaços não escolares, todavia, nos cabe ressaltar que cada uma delas é singular em si mesma, e vão variar de acordo com o local no qual se encontram inseridas e sua intencionalidade. Dizemos isso por acreditarmos que tais experiências, mesmo diante de suas diferenças, trazem consigo a potencialidade de fomentar experiências amplas de formação dos sujeitos sociais. As potencialidades educativas são tantas que podem ser pleiteadas, inclusive, quando fomentadas em órgãos públicos como o DER-MG e sua busca por uma educação mais humanizada para o trânsito.

5 Ações do estágio no DER

O DER-MG possui um setor específico que atua na área da educação para o trânsito, chamado Gerência de Educação para o Trânsito. Esse setor tem como competência garantir a coordenação das atividades relacionadas à gestão da educação para a segurança no trânsito, com algumas atribuições, dentre elas: planejar, coordenar, elaborar, executar e acompanhar em parceria com outras unidades administrativas

do DER-MG, planos, programas, ações e campanhas de educação para o trânsito e redução de acidentes (Minas Gerais, 2023).

A Gerência de Educação para o Trânsito está localizada na Cidade Administrativa do Estado de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte MG. No setor em questão do DER-MG atuam cerca de dez pessoas, dentre elas, pedagogos, psicólogos e técnicos de setores variados. Uma das políticas de atuação na área da educação do referido setor é o acolhimento de estagiários de cursos de pedagogia que necessitam cumprir a carga horária exigida do estágio obrigatório em espaços não-escolares. Assim, os estagiários são recebidos e acompanhados pelas pedagogas responsáveis, que desenvolvem atividades com o objetivo de que eles conheçam o dia a dia de um (a) pedagogo (a) fora do ambiente escolar e, mais especificamente, neste órgão.

No DER-MG acontecem diversas ações educativas durante o ano, dentre elas: Maio Amarelo, a Semana Nacional de Trânsito no mês de setembro, o Dia Mundial sem meu carro em 22/09, o Dia do Motorista em 26/07, o Dia do Pedestre em 08/08, o Dia Internacional da Gentileza em 13/11 e o Dia Mundial em Memória das Vítimas de Trânsito no terceiro domingo do mês de novembro.

A educação para o trânsito está presente nos temas transversais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), dentro da macro área “Cidadania e Civismo”, o que torna sua abordagem obrigatória na educação básica de todo o Brasil. Sobre os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), eles devem ter a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018).

A BNCC incorpora o termo “cidadania e civismo” de forma que merece uma reflexão aprofundada. É significativo notar que a construção dessa base ocorreu de maneira centralizada, com limitada participação da sociedade civil e dos educadores – aqueles que, na prática, cotidiana das salas de aula, conhecem os desafios e as potencialidades da formação cidadã. Essa gênese já sinaliza uma contradição: um documento que visa formar cidadãos, mas que foi elaborado à margem de um processo plenamente democrático e participativo. Na leitura da BNCC, corre-se o risco de restringir o conceito de cidadania a um conjunto de normas, deveres e comportamentos esperados. Nessa perspectiva, ser cidadão resume-se a seguir regras, respeitar hierarquias e cumprir obrigações, com um forte viés na obediência. O foco exclusivo no civismo como conduta individual e conformista negligencia a dimensão coletiva e política da cidadania, que é a participação ativa na construção e na transformação das normas que regem a vida coletiva. Nesse contexto, surge a pergunta: como um órgão normativo como o DER-MG, através de sua Gerência de Educação para o Trânsito, pode atuar de forma alinhada a uma concepção ampla e crítica de cidadania? Como transitar de uma educação sobre o trânsito para uma educação no e para o trânsito, entendendo-o como um espaço social complexo e um direito?

Em síntese, o termo “cidadania e civismo” na BNCC precisa ser constantemente tensionado e ampliado pelos educadores em sua prática. Órgãos

públicos, como o DER-MG, têm a oportunidade ímpar de serem agentes dessa ampliação, substituindo uma educação para a obediência passiva por uma educação para a participação ativa e crítica, formando cidadãos capazes não apenas de seguir regras, mas de compreender, questionar e transformar a sociedade em que vivem – começando pelo simples, porém vital, ato de transitar. Assim, para seguir o que está estabelecido na BNCC, a Gerência de Educação para o Trânsito do DER-MG tem a incumbência de realizar a formação de professores e educadores de trânsito que irão atuar em todo o Estado de Minas Gerais. Dentro da referida formação, os professores são capacitados para lidar com o tema trânsito e sua transversalização para todas as disciplinas e áreas do conhecimento. O objetivo final é que professores de qualquer área de conhecimento fiquem habilitados para trabalhar com a temática do trânsito na escola. Para promover a educação para o trânsito no âmbito da educação básica, é feita igualmente a escolha de materiais educativos, como, por exemplo, livros didáticos, para este fim.

Durante o estágio realizado na Gerência de Educação para o Trânsito do DER-MG nos meses de abril, maio e junho de 2024, a estudante de pedagogia teve a oportunidade de participar de diversas ações educativas promovidas pelo setor em questão. Dentre as ações, destacou-se a participação em uma blitz educativa em uma rodovia situada no limite das cidades de Belo Horizonte e Nova Lima, promovida no mês de maio em decorrência da ação do “Maio Amarelo”. Nesta blitz, estiveram presentes servidores da Gerência de Educação para o Trânsito do DER-MG e policiais militares do Estado de Minas Gerais. O objetivo principal era abordar os motoristas dos veículos que passavam pelo local para entregar material educativo e conversar sobre normas de segurança. Nesta ação, embora a polícia estivesse presente, não ocorreu nenhuma punição, como multas ou apreensão de veículos, o objetivo era somente a conversa e a conscientização dos motoristas.

Outro evento importante no qual a estagiária teve a oportunidade de participar foi a III Mostra de Educação e Segurança no Trânsito que aconteceu igualmente no mês de maio na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais. O evento é organizado pelo DER-MG e reúne vários órgãos do Estado de Minas Gerais, como: DER-MG, Detran-MG, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Observatório Nacional de Segurança Viária e outros parceiros, e se desenvolve em um único dia. Cada setor deve organizar um estande com material informativo e educativo, apresentações variadas, jogos, simulações de acidentes de trânsito e primeiros socorros. Para que o evento aconteça, o DER-MG envia um convite para escolas públicas e privadas da cidade de Belo Horizonte e, desta forma, as escolas que aderem encaminham seus alunos, juntamente com seus professores, para participarem no dia proposto. É um evento de extrema importância, uma vez que atinge vários estudantes dos ensinos fundamental e médio e que acontece anualmente.

Outrossim, a estagiária também pode acompanhar uma ação educativa que aconteceu dentro da Cidade Administrativa com o objetivo de abordar motociclistas, servidores ou visitantes, que estavam utilizando o estacionamento de motocicletas do local. Nesta ação, houve a abordagem dos motociclistas dentro do estacionamento para a entrega de material educativo sobre segurança no trânsito, especificamente para o público em questão, além de entrega de brindes e convite para outra ação educativa programada para a mesma semana, na qual

seriam realizadas simulações de segurança com um motociclista profissional. Para essa iniciativa, o DER-MG contou com a parceria de uma empresa privada, revendedora de motocicletas na cidade de Belo Horizonte - MG.

As pedagogas do setor tiveram uma participação crucial na organização de todos os eventos, desde a preparação das falas no momento de abordar e conversar com motoristas e motociclistas, além da preparação de materiais educativos e apresentações destinadas a todos os tipos de público e em consonância com os objetivos traçados de cada ação. Além de ações específicas já mencionadas, a estagiária teve a oportunidade de acompanhar o trabalho do dia a dia da Gerência de Educação para o Trânsito do DER-MG, presenciando a elaboração de materiais educativos digitais ou físicos, a organização de ações e a preparação de conteúdo para palestras e eventos. Além disso, teve a chance de participar de reuniões do setor para se inteirar melhor dos assuntos e dos desafios enfrentados devido, por exemplo, à falta de investimento do governo do Estado de Minas Gerais para custear mais ações educativas de conscientização e segurança no trânsito.

Tal experiência, não apenas pela pluralidade de atividades e ações, mas também pela singularidade ao tratar de questões ligadas ao trânsito e à educação para o trânsito, nos parecem explicitar o quão formativo pode ser um estágio desenvolvido em órgãos dessa natureza.

6 Potencialidades educativas/formativas

A abordagem de uma experiência cronologicamente situada de uma estudante de graduação em Pedagogia como está proposto no presente trabalho, nos cobra necessariamente a análise das potencialidades educativas e formativas da referida atividade. Dito isso, após o detalhamento anterior das ações empreendidas no processo de estágio, passamos agora a analisar as virtudes de tais ações e seus impactos positivos para a formação de um profissional de Pedagogia que não venha a atuar em instituições escolares. De início, torna-se necessário reforçar que em relação à Pedagogia estamos tratando de uma área do conhecimento que lida diretamente com os processos, métodos e técnicas que envolvem o ensino e a aprendizagem (Ghiraldelli Júnior, 1992). Embora saibamos da não obrigatoriedade de sua atuação em instituições escolares, mesmo lidando em outros espaços não escolares, esse profissional vai atuar com o foco no processo de elaboração e implementação de ações educativas, formativas, de aprendizagem, mas que tenham relação direta com seu lugar de atuação.

Assim sendo, partimos de um elemento importante, independentemente do tipo de conhecimento com o qual tais profissionais trabalham no referido setor. Trata-se de um conhecimento que, mesmo não sendo componente estrutural dos conteúdos escolares, consta por exemplo nas bases oficiais dos órgãos de educação, como a BNCC. Como já apontado anteriormente, o conhecimento e debate com o foco no trânsito se insere na área de “Cidadania e Civismo”, todavia, mesmo em situações que envolvam a formação de estudantes e professores, podemos dizer de uma ampliação do seu foco, que abrange a concretude da realidade cotidiana e a compreensão do trânsito como componente da estrutura social. Na mesma medida, envolve a humanização do trânsito para evitar mais

mortes e violência, bem como o cuidado com o sujeito que se está formando sem deixar de considerar o conjunto de pessoas que compõem a sociedade.

Tomando como foco de análise as ações empreendidas pela Gerência no interior de escolas, nos chama a atenção suas particularidades. Por mais que as ações nas escolas possam, em alguma medida, remeter ao processo educacional escolar, acreditamos que elas englobam outros elementos, como por exemplo a construção de significados outros em relação aos comportamentos e posicionamentos do cidadão que se tornam importantes para a sociedade como um todo. Nesse aspecto, a elaboração dos materiais ganha destaque, pois se difere peremptoriamente dos materiais escolares, não se trata de um processo compulsório de aprendizado, que depois os estudantes passarão por uma prova e deverão “comprovar” sua aquisição do referido conteúdo, mas sim de conhecimentos que para serem aprendidos devem ser prazerosos, divertidos, descontraídos, na mesma medida sendo contundentes quanto à construção de significados e à responsabilidade de cada um.

Ainda tratando da temática das ações formativas de estudantes, há que se considerar que a Gerência desenvolve outros tipos de ação com alunos das escolas, porém em um contexto bastante diferente. Ações desenvolvidas com o público estudantil em ambientes extra escolares são marcadas por uma dinâmica própria, que demanda outras capacidades do profissional da Pedagogia. Tomando como exemplo o evento ocorrido na Assembleia do Estado de Minas Gerais, podemos apontar que pela efervescência dos estudantes estando fora da escola, pelas condições do lugar, tudo isso demandou um processo elaborado de reflexão sobre sua ação, tendo como orientação que sua eficácia teria vínculo direto com o engajamento dos estudantes e promoção de atividades coletivas e práticas. Como se tratava de um espaço amplo, aberto, a possibilidade de dispersão e desinteresse era grande, por isso, o foco em privilegiar a atuação dos sujeitos de forma ativa, com situações, por exemplo, que envolviam o uso do corpo, disputas como gincanas e outras coisas. Todo esse processo é de responsabilidade do profissional de Pedagogia e o consequente sucesso ou fracasso da ação acabam também dependendo desse profissional.

Ao caminharmos para o fechamento das ações desenvolvidas pela Gerência, apontamos a que nos parece ter ganho maior significado formativo para o estágio em questão, a blitz educativa, até mesmo pelo seu caráter como algo totalmente inusitado. Essa foi uma experiência que congregou a formação dos condutores que passariam pela blitz, mas em se tratando da formação no exercício do estágio proporcionou uma riqueza ímpar, pois foi capaz de promover a interação com outros atores sociais, que naquele instante também tinham um objetivo educativo, como policiais militares, o que demonstra que tais ações também envolvem um forte componente de conscientização.

Quanto ao objetivo estritamente educativo, ações deste tipo implicam em abordagens muito específicas, uma vez que quase a totalidade dos motoristas abordados ficam com grande receio, visto que entre o conjunto de pessoas encontram-se também policiais fardados. Nessas ações não são cobrados documentos, vistoriados carros, emitidas multas ou conferidos os pagamentos de impostos atrasados, quando os motoristas percebem isso parece até que respiram

mais aliviados, o que torna sua participação na ação efetivamente significativa quanto ao aspecto educativo.

Ainda focados na blitz, retomamos uma situação que acabou se tornando engraçada. Durante a blitz, a estagiária acabou encontrando um conhecido, que vendo a mesma com colete e boné no DER, perguntou prontamente: “Uai, você virou policial?”. Ao responder negativamente e dizer que estava fazendo um estágio da Faculdade de Pedagogia, logo após, a manifestação do seu conhecido foi muito espontânea, ele disse, “Uma pedagoga na blitz?”. Dado o caráter peculiar do comentário, esse se tornou significativo a ponto de compor o título do presente artigo, servindo para ilustrar o estranhamento que ainda pode ser causado nas pessoas ao verem a atuação de profissionais de Pedagogia em outros lugares que não sejam a escola.

Mesmo após tratarmos de um grande cabedal de experiências proporcionadas pelo estágio na Gerência do DER, um outro aspecto nos parece de abordagem compulsória e que não envolve a elaboração ou aplicação de atividades educativas. A atuação do profissional de Pedagogia no cotidiano e funcionamento de órgãos desse tipo demandam a apropriação de uma *práxis* condizente com a gestão do lugar, ou seja, entender os trâmites burocráticos, participar de reuniões e compreender que os processos são mais complexos e que envolvem não apenas engajamento, mas a articulação e organização de vários setores e várias pessoas, para que a ação seja exitosa. Diferentemente de uma atuação em instituições escolares, em órgãos como esse cabe ao profissional de Pedagogia fazer a gestão de pessoas, estabelecer relações interinstitucionais, promover a conexão e articulação de setores diversos e com lógicas de funcionamento diferentes. O entendimento da estrutura burocrática e seu devido funcionamento tem relação direta com o êxito ou não de suas ações. Além de tudo isso, compete também a esses profissionais gerir processos logísticos de envio de materiais para todo o Estado de Minas Gerais, o que complexifica, sobremaneira, as suas ações.

Ao findar da análise quanto às potencialidades educativas/formativas do estágio não escolar de uma estudante de Pedagogia em um órgão como a Gerência do DER, sem o mínimo receio de nos equivocarmos, reforçamos a riqueza das ações e seu potencial formativo para estudantes que ainda não estão atuando profissionalmente no campo.

7 Considerações finais

Ao chegarmos ao fim de um trabalho como esse, que parte de uma experiência e de seu relato com o intuito de promover a ampliação do debate quanto às questões que perpassam os Estágios em Espaços Não Escolares em um curso como o de Pedagogia, trazemos conosco algumas convicções, embora as incertezas também povoem nossos pensamentos. Desta feita, acreditamos que não nos cabe concluir algo, mas sim proporcionar conexões futuras, outras reflexões, que decorram do que foi abordado.

Outrossim, mesmo sem a pretensão de apresentar verdades cabais, nos parece que alguns elementos ganharam força no decorrer da escrita do texto a ponto de podermos tratá-los como estruturalmente sustentáveis quanto ao debate referente aos Estágios em espaços Não Escolares. Inicialmente, nos cabe reforçar

que, independentemente das críticas que possam ser feitas, dos questionamentos de ordem burocrática, do tipo e dos modos como desenvolver, o estágio como experiência formativa do profissional se mostra imprescindível. Nesse cenário, nos chama atenção o quanto nos parece influenciar positivamente os significados construídos no processo e o engajamento efetivo do estagiário na referida ação. Mais que uma tarefa a ser cumprida, um obstáculo a ser transposto, o estágio assume lugar vital na formação do/a graduando/a de Pedagogia.

Em que pese todos os avanços no debate educacional, há que se destacar que ainda prevalece sobre a atuação dos profissionais de Pedagogia uma exacerbada expectativa de trabalho vinculada à escola, uma realidade que ressoa em grandes dificuldades enfrentadas por parte dos estudantes para encontrarem locais onde desenvolver tais estágios. O que aos nossos olhos pode ser, gradativamente, aprimorado à medida que possamos fazer esse debate nas universidades, mas também em coletivos, movimentos sociais, ONGs, OCIPs, Sindicatos, dentre tantos outros lugares. Ressignificar a ação pedagógica implica em entendermos que o processo educativo exacerba em muito os muros da escola e ganha novos ares ao ocupar novos lugares.

Nesse contexto, o entendimento que o processo educativo é amplo e irrestrito, que não se prende unilateralmente à prática ou à teoria, mas decorre de uma inter-relação que se torna *práxis*, ou seja, uma prática reflexiva, findamos esse trabalho com a certeza que formamos a nós mesmos, assim como formamos o outro nas relações sociais e no exercício, sobretudo, na nossa capacidade de nos inquietarmos.

Referências

- ARROYO, Miguel. *Pedagogias em movimento: o que temos que aprender dos movimentos sociais?* In: NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; MIRANDA, Shirley Aparecida de (Orgs.). **Miguel González Arroyo:** um educador em diálogo com o nosso tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ARROYO, Miguel. *Ofício de mestre*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ASHTON, Thomas. *A revolução industrial*. São Paulo: Publicações Europa-América, 1977.
- BARDUNI FILHO, Jairo; FIGUEIREDO, Ana Clara Siqueira. A atuação do (a) pedagogo (a) em espaços não escolares: a pedagogia empresarial enquanto um novo campo de atuação. *Humanidades & Inovação*, v. 7, n. 5, 2020.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2025.
- CANÊDO, Letícia Bicalho. *A revolução industrial*. São Paulo: Atual, 1994.
- DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- Educação para o Trânsito. *Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais - DER-MG*. 2017. Disponível em: <https://www.der.mg.gov.br/educacao-para-o-transito>. Acesso em: 05 jan. 2025.
- ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do. *Desafios na formação do educador: retomando o ato de educar*. São Paulo: Papirus, 2002.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. O papel do estágio nos cursos de formação de professores. In. PICONEZ, Stela Bertholo (org.). **A Prática de ensino e o estágio supervisionado**. São Paulo: Papirus, 1991.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. São Paulo: Olho D’água, 1997.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. Perdizes: Cortez, 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador Social**. São Paulo: Cortez, 2010.

HEERS, Jacques. **História medieval**. São Paulo: Editora USP, 1974.

KULSCAR, Rosa. O estágio supervisionado como atividade integradora. In. PICONEZ, Stela Bertholo (org.). **A Prática de ensino e o estágio supervisionado**. São Paulo: Papirus, 1991.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada; RIBEIRO, Macilene Vilma Gonçalves. Formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares: percepções e perspectivas do estudante de pedagogia. **Revista Ambiente Educação**, São Paulo, v. 12, n. 3, set./dez. 2019.

MINAS GERAIS. **Decreto nº 48.666, de 04 de agosto de 2023**. Dispõe sobre a organização do Departamento de Estradas de Rodagem do Estado de Minas Gerais. Minas Gerais, Belo Horizonte, 04 ago. 2023. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/DEC/48666/2023/>. Acesso em: 05 jan. 2025.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido escolar**. Porto: Porto Editora, 1994.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PICONEZ, Stela Bertholo (org.). **A Prática de ensino e o estágio supervisionado**. São Paulo: Papirus, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na formação de professores**: Unidade Teoria e Prática?. São Paulo: Cortez, 2012.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 2010.

RIOS, Pedro Paulo Souza. Estágio Docente em espaços não escolares: narrativas de formação de um curso de Pedagogia. **Debates em Educação**, Alagoas, v. 12, n. Esp2, 2020.

SILVA, Margarete Alves da. Atuação do Pedagogo no Centro de referência de Ação Social. **Revista Evento Pedagógico**, Sinop, v. 10, n. 1, 2019.

SOUSA, Alanne Cruz; TELES, Damares; SOARES, Maria Perpétua. Pedagogia Hospitalar: a relevância da atuação do Pedagogo. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 3, 2017.

TEIXEIRA, Inês Castro. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

Informações complementares

Financiamento

Não se aplica.

Contribuição de autoria

Concepção e elaboração do manuscrito: Flávia Abrão de Castro Viana; Francisco André Silva Martins; Rosângela Matos de Araújo.

Coleta de dados: Flávia Abrão de Castro Viana; Rosângela Matos de Araújo.

Análise de dados: Flávia Abrão de Castro Viana; Francisco André Silva Martins.

Discussão dos resultados: Flávia Abrão de Castro Viana; Francisco André Silva Martins; Rosângela Matos de Araújo.

Revisão e aprovação: Flávia Abrão de Castro Viana; Francisco André Silva Martins.

Preprint, originalidade e ineditismo

O artigo é original, inédito e não foi depositado como preprint.

Verificação de similaridades

O artigo foi submetido ao iThenticate, em 8 de maio de 2025, e obteve um índice de similaridade compatível com a política antiplágio da revista Pesquisa e Debate em Educação.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesse

Não há conflitos de interesse.

Conjunto de dados de pesquisa

Não há dados disponibilizados.

Utilização de ferramentas de inteligência artificial (IA)

Este artigo não contou com auxílio de ferramentas de inteligência artificial (IA) para redação de nenhuma das seções.

Licença de uso

Os autores cedem à Revista Pesquisa e Debate em Educação os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Faculdade de Educação (FACED), Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (CAEd), Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP). Publicação no Portal de Periódicos da

UFJF. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Editor

Frederico Braida

Formato de avaliação por pares

Revisão duplamente cega (*Double blind peer review*).

Sobre os autores

Flavia Abrão de Castro Viana

Graduada em Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduanda em Pedagogia – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Mestra em Tradução Técnica e Científica – Université de Haute Alsace (UHA). Mestranda em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGE – FaE/UEMG).

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7452750329301033>

Francisco André Silva Martins

Graduado em História – Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH). Mestre em Educação – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Educação – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Doutor em Educação – Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Professor efetivo da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais – Cursos de Licenciatura em História e Licenciatura em Pedagogia. Subcoordenador do Curso de Licenciatura em História.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2890928940628865>

Rosângela Matos de Araújo

Graduada em Pedagogia – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC – MG). Graduação em Psicologia – Centro Universitário Newton Paiva (CNP). Especialização em Educação para o trânsito – Universidade FUMEC. Pedagoga da Gerência de Educação para o Trânsito do Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DO/GET DER-MG).

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4387435233071116>